

ALGUNS COMENTÁRIOS A PARTIR DO ARTIGO DE MARTA ZABALETA: O PARTIDO PERONISTA FEMININO: HISTÓRIA, CARACTERÍSTICAS E CONSEQÜÊNCIAS. (ARGENTINA 1947- 1955)

Rachel Sohiet*

O processo complexo e contraditório do reconhecimento dos direitos políticos às mulheres argentinas, durante o Peronismo, e o estímulo a sua participação, culminando com a criação do Partido Peronista Feminino constituem-se no objeto da análise da historiadora Marta Zabaleta. Ela apresenta uma questão, via de regra, pouquíssimo discutida nos meios acadêmicos, qual seja, o empenho do Presidente Juan Perón e de sua esposa, Eva Duarte Perón, na proclamação desses direitos e a significação do apoio das mulheres na sustentação do regime peronista.

Ao focalizar o Peronismo, a partir da perspectiva de gênero, Zabaleta questiona até que ponto as mulheres estiveram efetivamente representadas no Estado Peronista por uma Frente de Mulheres submetida ao controle e à disciplina do partido dominante. Esse fato, na sua opinião, deve constituir-se na base para uma análise de situações recentes, nas quais ocorre uma tendência das forças políticas de mulheres da América Latina em adotar tais Frentes, como forma ideal de organização para a mudança. Acentua, ainda, que a elaboração de um estudo detalhado de um partido político e de seu modo de operar, em relação aos seus filiados femininos, possibilita delinear conclusões sobre as vantagens e limitações do processo de politização das mulheres na modalidade assumida pelo Peronismo, dando margem a proveitosas comparações em futuros projetos de pesquisa. Nesse sentido, a autora considera que o exemplo do Peronismo aponta, apesar de sua singularidade, para uma verdade mais universal, a de que apenas uma estreita esfera de opções está disponível para as mulheres, quando elas se engajam nas atividades formais do partido. Por outro lado, busca detectar elementos acerca do “papel desempenhado pelo Partido Peronista patriarcal no desenvolvimento de uma reduzida consciência social de gênero entre seus filiados femininos”.

A riqueza de informações que o texto nos apresenta permite uma série de reflexões que nem sempre caminham na mesma trilha de sua autora. Dentre outras questões, duas nos parecem significativas para um debate. A primeira relativa a eficácia do discurso peronista entre as mulheres, principal

* Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

responsável, segundo a historiadora, pelo apoio garantido ao regime. A segunda, o ponto alto do trabalho, destaca-se não apenas por ressaltar o peso político atribuído a Eva Perón, o que não se constituiria numa novidade, mas por deixar perceber nas entrelinhas, a busca de sua autonomia com relação a Perón.

Ao discorrer sobre o primeiro ponto, Zabaleta salienta que o fato de Eva Perón ser ao lado de Perón uma das principais “transmissoras” do discurso peronista confere legitimidade a este último. Permite apresentar-se como originário do domínio feminino e não de fora dele, fazendo-o parecer representar as necessidades e demandas do gênero feminino. O fato de terem Eva Perón como sua interlocutora converte-as em sujeitos da ideologia peronista, favorecendo a recepção daquele discurso. Nessa argumentação, observa-se um esforço de Zabaleta em caracterizar a adesão de grande número de mulheres ao peronismo, como resultante de um bem sucedido esquema de controle daquele governo, expresso em seu aparato discursivo, que culminou com a criação do Partido Peronista Feminino (PPF). Ela, ao recorrer às memórias de mulheres que foram membros do Peronismo no período focalizado, interpreta seus depoimentos, a partir do êxito desse aparato discursivo na obtenção de seu apoio.

Por outro lado, segundo sua opinião, a filiação das mulheres ao PPF longe estaria de contribuir para o desenvolvimento de sua consciência de gênero. Sem dúvida, Perón em seu discurso, quando da Primeira Assembléia do Partido Peronista Feminino¹, propõe para as mulheres formas de agir que longe estavam de lhes garantir uma atuação autônoma. Nesse sentido, não só enfatiza a importância de elas serem “calmas” e “obedientes”; mas também destaca a contribuição específica delas para a revolução nacional, que consistia na sua total dedicação à “formação de homens sábios e virtuosos”, “função” que seria inserida na literatura peronista como “a missão das mulheres”. Assim, reitera práticas que garantem a relação de dominação masculina, exigindo para as mulheres comportamentos vistos como resultantes de “uma ordem natural... universal”, mas na verdade decorrentes de uma construção histórica, cultural e lingüística. Dessa forma, no tocante aos gêneros, reafirmava a relação tradicional que estabelece o exercício de papéis próprios a cada um deles, impedindo às mulheres uma efetiva autonomia (Chartier, 1995: 42).

Eva Perón segue caminho idêntico, ao procurar resolver um conflito interno da seção feminina do partido, relacionado a divergências surgidas com os homens. Seu argumento é o de que a seção feminina em vez de representar um problema, um aborrecimento para Perón, deveria lutar com os homens,

¹ Tal Assembléia, realizada entre 26 e 29 de julho de 1949, teve a duração de três dias, marcando a inauguração formal da seção feminina do peronismo, separadamente dos homens.

agindo “em estreita colaboração com eles”. Ou seja, cumpria às mulheres contornar os problemas, pois pela sua própria condição feminina estariam predispostas a tomar a iniciativa de desenvolver uma convivência harmônica, em nome de um ideal mais elevado, como costumavam fazê-lo no âmbito familiar. Portanto, embora o programa do PPF estabelecesse para as mulheres direitos iguais aos dos homens, além de especificar a liberação feminina como um dos postulados chave, na verdade os elas não foram encorajadas a assumir posições de liderança, já que predominava a idéia de uma identidade feminina essencialista. Esperava-se das mulheres “um espírito de sacrifício e renúncia”, virtude “natural” de acordo com o discurso peronista, o que se contrapunha àquelas disposições programáticas, em nada contribuindo para o desenvolvimento de sua consciência de gênero.

Igualmente, verifica-se que as Unidades Básicas, espécie de células do PPF, deviam levar a efeito atividades consideradas próprias das mulheres. Assim, cabia-lhes a promoção de atividades culturais, pedagógicas, profissionalizantes, como ensinar corte e costura, bordado, culinária, além de trabalhos assistenciais com o auxílio dos profissionais de serviço social, enfermeiros, médicos e advogados. Também ofereciam palestras, conferências e discussões de fatos correntes. Gradualmente o trabalho social voluntário assumiu maior significação envolvendo-se, tais centros, com os problemas da comunidade, vigiando seu comportamento político, informando sobre alguma dissidência no local, distribuindo presentes que eram fornecidos pela Fundação Eva Perón. Eva reconhece essa mudança quando afirma que de acordo com o que ela havia concebido, o trabalho social também era uma forma de participação política, que ela definia como “fazer sentir a presença protetora de Perón em todo lugar e em toda família na Argentina”.

Segundo os dados apresentados, a contribuição dessas Unidades afigurou-se fundamental na campanha eleitoral para assegurar a vitória que levou Perón à segunda presidência. Assim, de um lado tal organização, reiterando para as mulheres papéis que reforçavam as esferas de atuação que lhes eram consideradas específicas, não era de molde ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades nos mais diversos âmbitos. Pelo contrário, a política das mulheres podia ser vista como “uma extensão da maternidade no âmbito público” (Bianchi, 1993: 703). De outro lado, porém, esse trabalho miúdo revelava enorme eficácia em termos do conhecimento e controle da situação de cada uma dessas comunidades, possibilitando o mapeamento de todo o país, constituindo-se indubitavelmente numa modalidade de política, como bem expressara Eva Perón.

Tal processo, portanto, longe estava de se apresentar simples e linear, ele era complexo e contraditório. A própria Eva tão pródiga em acentuar que *para as mulheres, ser peronista é antes e acima de tudo ser leal a Perón, subordinada a Perón*

e cegamente confiante em Perón, em outro momento afirmava a sua crença na força das mulheres que, embora minoritárias em termos de ocupação de espaço político, *irão provar que são capazes de sustentar a bandeira do ideal Peronista com dignidade e honra, quando e onde quer que seja...*

Ela mesma que recomendara, em certo momento, que todo membro feminino devia renunciar a qualquer ambição pessoal na atividade política, foi gradativamente utilizando-se de brechas para construir as bases de seu poder, fato percebido pela autora que sugere possíveis desconfiâncias de Perón com relação a sua esposa². Assim, seria projeto de Eva Perón candidatar-se à vice-presidência nas eleições de 11 de novembro de 1951. Obteve o apoio total do PPF e da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), cujos membros cada vez mais associavam seus ganhos *não exatamente com a figura Perón, mas com a crescente figura “carismática” de Eva*. Não encontrou, porém, tal receptividade por parte do setor masculino do Partido. Além disso, provocava forte oposição da hierarquia da Igreja, do exército, o que levava Perón a se decidir pela “renúncia” da candidatura de Eva a fim de garantir sua reeleição.

Crescem as manifestações de adesão a Eva no grande comício da Avenida 9 de Julho, a 22 de agosto de 1951, que se limitara em sua fala a declarações de apoio a Perón. Este, em dado momento, toma o microfone, provocando protestos da multidão, que exige a palavra de Evita assumindo sua candidatura, propondo-se uma greve geral, diante da oposição que ela sofria de certos setores. Não obstante, a iniciativa de Perón em declarar o encontro encerrado, levando à dispersão das massas, conclui Zabaleta que *Evita e as massas haviam relegado Perón a um plano secundário*.

Apesar de tudo, Eva se declara uma “frágil mulher argentina” e a todo momento persevera em suas declarações de apoio para garantir, acima de tudo, a reeleição de Perón, manifestando sua felicidade em servir ao seu povo, especialmente *aos descamisados*. Porém, através dos fatos apresentados por Zabaleta, é evidente a consciência que Eva tem de sua força e o seu desejo em assumir o posto de vice-presidente. Tais acontecimentos levam a historiadora em foco a refutar a teoria da *Supermãe*, relativamente ao comportamento político das mulheres latino-americanas, no que diz respeito a Eva Perón. Considera que o poder de Eva não derivaria de seus atributos femininos, nem de seu carisma e elegância pessoais, nem se limitava aos atributos das áreas consideradas como femininas - educação, saúde, etc. Para ela, a “desistência” de Eva de sua candidatura marcou o início de uma guinada do regime para a direita, que se tornou mais pronunciada após sua morte prematura em 26 de

² Tal referência emerge quando Marta Zabaleta busca explicar a razão simbólica de Perón finalizar e sintetizar com seu discurso as discussões das mulheres na Assembléia que instituiu o PPF.

julho de 1952. O que de certa forma se evidencia com a recusa de Perón em manter as milícias populares que Eva organizara, após a tentativa de golpe militar em setembro de 1951.

De alguma forma, a análise dos discursos de Eva, em que testemunha total lealdade e subordinação a Perón, exigindo o mesmo de suas seguidoras, revela um significado diverso daquele de uma submissão humilhante. Na verdade, está se valendo de uma tática que mobiliza para os seus próprios fins uma representação imposta, - aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu, ou seja, longe de estar se vergando a uma submissão alienante constrói recursos que visam subverter a relação de dominação (Chartier, 1995: 41). Em outras palavras, Eva Perón ao utilizar-se dessas imagens, revelava sua concordância com as diretivas estabelecidas para as mulheres pela ordem vigente, o que facilitava sua instrumentalização com vistas a ampliar seu espaço de atuação que, de fato, em muito ultrapassava os limites estabelecidos para as mulheres. Atitude, porém, que não autoriza a considerá-la como uma das primeiras feministas latino-americanas, no que concordo com Zabaleta.,

E, as muitas mulheres que a apoiaram e participaram do PPF? Lançando-se um outro olhar para seus depoimentos, chega-se a conclusões diversas, daquelas da referida historiadora acerca da completa eficácia do discurso peronista na conquista do apoio feminino. Concepção que privilegia o sucesso da ação unilateral do poder sobre as mulheres passivas e impotentes. Num outro olhar, emerge daqueles depoimentos a satisfação pela oportunidade conquistada, em termos da experiência de participação num projeto comum que lhes permitiu tomarem consciência de sua força. *Gradualmente eu percebi que o Partido precisava de nós, as mulheres. Minha própria educação, minha guitarra e meu conhecimento da doutrina Peronista permitiram-me organizar e arregimentar muitos homens e mulheres para o Partido.* Além do que tal participação revestiu-se de enorme significação para as suas existências. *O Partido também deu-nos a chance de educar a nós próprias, ...o Partido abriu-me as portas* são algumas de suas declarações.

Valorização da identidade feminina, visibilidade social, numa ordem que até então mantinha as mulheres na obscuridade e isolamento do espaço doméstico, experiências de socialização e projeção para um universo mais amplo “seja recolhendo solicitações no bairro para a Fundação Eva Perón ou participando de atos políticos para a reeleição de Perón”, direito a votarem e serem votadas foram algumas das novas situações vivenciadas pelas mulheres argentinas com o peronismo. Fatos perceptíveis através do depoimento abaixo:

Os centros femininos mais do que os masculinos providenciaram um ambiente no qual as mulheres lidaram tanto com problemas pessoais, quanto com problemas políticos. De acordo com as mulheres que trabalharam nestes centros pela primeira

vez nas suas vidas elas se sentiram realizadas no seu trabalho e foram capazes de desenvolver uma identidade coletiva com outras mulheres.

Como decorrência, ao votarem pela primeira vez nas eleições de 11 de novembro de 1951, 64% das mulheres concederam seu voto ao peronismo. E, por outro lado, elegeram-se todas as candidatas apresentadas pelo PPF- 7 senadoras e 24 deputadas - oriundas da classe média e trabalhadora. Estas constituíram-se no maior número de representantes eleitas do eleitorado feminino em toda a América. E, apesar da animosidade masculina, Delia Parodi foi uma das primeiras mulheres em todo o mundo a ocupar o cargo de vice-presidente da Câmara dos Deputados, em 25 de abril de 1953.

Dessa forma, o apoio dessas mulheres não derivou simplesmente de procedimentos astuciosos do Peronismo. Na verdade, sua participação e apoio ao referido movimento de alguma forma atendiam as suas aspirações e necessidades. Aliás, a própria Zabaleta enfatiza a determinação das militantes em preservar a literatura de seu partido por mais de três décadas, em que pese toda a repressão que se desencadeou por parte do Estado argentino contra o Peronismo. Sintomático é o entusiasmo das mulheres com a candidatura de Perón, no período 1945-46, quando expressaram seu anseio de liberação, impregnado de erotismo, através de um refrão em que se diziam “todas de Perón”, “sem nossos sutiãs e sem nossas calças”. Assim, o citado apoio não poderia resultar, apenas de forma simplista, dos propósitos de manipulação de Perón e da eficácia de seu discurso. Afinal, concordar com tal suposição seria negar a tais mulheres a condição de “sujeitos de sua própria história”³.

Na verdade, ao apropriarem-se do discurso peronista, as mulheres peronistas lançaram-se a “caça” não autorizada no terreno alheio. Dessa forma, assumiram uma atitude própria de consumidoras, na concepção de Certeau, para quem o consumo é também uma forma de produção cultural. Assim, as mulheres insinuaram-se de forma astuciosa, dispersa, silenciosa, não se fazendo notar com produtos próprios, mas nas “maneiras de empregar” os produtos de uma ordem dominante (Certeau, 1996: 39, 44, 94). Constituíram a rede de uma antidisciplina, buscando aproveitar as “ocasiões”, as possibilidades oferecidas para garantir o exercício de sua cidadania, em termos de classe e de gênero, no grau mais ampliado possível.

Referências Bibliográficas

BIANCHI, Susana. Las mujeres en el peronismo (Argentina, 1945-1955). In: Georges Duby y Michelle Perrot. *Historia de las mujeres 5. El Siglo XX*. Madrid: Taurus, 1993.

³ Esta é uma das idéias mais caras ao historiador E.P.Thompson. Ver, entre outras obras, Thompson, 1998.

CERTEAU, Michel de. Michel de Certeau. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu 4. Fazendo a história das mulheres*. Campinas, 1995.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.